

“Sou Inglesa! Sou Inglesa!”: Memórias de uma Menina Anglo-Portuguesa (1907-1930)

Miguel Alarcão
FCSH-UNL/CETAPS

Às Prof. Doutorãs M^a da Conceição Castel-Branco (FCSH-UNL)
e M^a do Rosário Lupi Bello (Universidade Aberta)

A propósito da chamada “literatura de viagens”,¹ começaremos por recordar as palavras de Carl Thompson:

(...) to begin any journey or (...) simply to set foot beyond one’s front door, is (...) to encounter difference and otherness. All journeys are (...) a confrontation with, or (...) a negotiation of, what is sometimes called **alterity** [em negrito no original]. (...) all travel requires us to negotiate a complex and sometimes unsettling interplay between alterity *and* identity, difference *and* similarity.(9)

Palco e registo textuais de cruzamentos de olhares, de interações reversíveis entre o Eu e o Outro e dos consequentes sentimentos de identificação e/ou estranhamento cultural, no mais lato sentido do termo, a literatura de viagens permite, pela sua complexa plasticidade, (*Ibidem*: 11-12 e 26)² a conjugação de um memorialismo mais ou menos intimista com

-
1. A designação “Travel Literature” coexiste hoje em dia com a de “Travel Writing”, o que faz com que qualquer obra ou estudo crítico(a) em língua inglesa pudesse receber o sugestivo título de “Reading Travel Writing”...
 2. Como lembra ainda Thompson, citando Jonathan Raban, “travel writing is a notoriously raffish open house where different genres are likely to end up in the same bed.” (*Ibidem*: 11)

informações documentais relevantes para o estudo das mentalidades e dos quotidianos e *grosso modo* a história social. Encarados de forma abrangente e aberta, tais textos (que, convirá recordá-lo, implicam deslocações ou itinerâncias, mas também permanências de duração variável) poderão ideal e eventualmente conduzir a reavaliações e revisões de auto-imagens, isto é, não só à descoberta da(s) identidade(s) do(s) Outro(s), mas também – e porque não? – da(s) alteridade(s) do Eu. É o caso de *Growing up English. Memories of Portugal 1907-1930*, de D. J. Baylis (nascida Bucknall), com prefácio de Peter Mollet, que apresenta esta obra como "(...) a remarkably vivid and well written observation of the times expressed with humour and not little 'carinho'. In all they make excellent reading especially for those (...) interested in the recent past." (Baylis: 2)

Como é sabido, no quadro das relações comerciais anglo-portuguesas desde os séculos XVII-XVIII sobressai o Vinho do Porto, não obstante o impulso inaugural dado, por exemplo, pelos irmãos Stephens à indústria vidreira da Marinha Grande. (Sousa: 6-21) Outras haverá, porém, igualmente dignas de registo como a da cortiça, hoje em dia trabalhada e comercializada em inúmeros artefactos como um produto estratégico e um ícone "bandeira" do nosso país; ora é justamente a cortiça o sector de actividade dos Bucknall em Inglaterra desde o século XVIII. Na década de 1870, vindo de Barcelona, William Bucknall estabelece-se em Portugal, começando aí a aventura anglo-portuguesa de uma família "(...) wedded to cork" (Baylis: 28)³ e cuja paixão é por demais evidente, conforme ressalta do seguinte passo:

3. Ao analisarmos os contratos de arrendamento de cortiça, deparamo-nos com diversas cláusulas que procuram, por um lado, regular o descortiçamento e, por outro, proteger a árvore. É, por exemplo, o caso do contrato celebrado, em 1894, na então vila de Ponte de Sor, entre Francisco Vaz Monteiro e a firma britânica Henry Bucknall & Sons, onde se impede o "(...) descortiçamento além do meio das pernadas (...)", obrigando-se à limpeza dos "(...) chaparros na distância de oito metros quadrados uns dos outros (...)", a que "(...) os operários que hajam de empregar na tirada da cortiça serão sempre homens conhecedores do serviço, que não danifiquem o arvoredo, arrancando-lhe e ferindo-lhe o entrecasco junto com a cortiça (...)" e estabelecendo-se ainda "(...) que os arrendatários poderão fazer a extracção da cortiça das referidas propriedades [a partir] do dia vinte e cinco de maio (...)" (Arquivo Distrital de Portalegre, Cartório Notarial de Ponte de Sor, Livro 49, fl. 21 a 25, CNPSR06/001/0049, *apud* Faísca, *Criando uma Desvantagem*: 426)

Cork (...) had cast a spell over my family. They loved it, revered it, were entranced by it. My father [Harold Bucknall, William's grandson] would handle a piece of cork like a connoisseur judging a work of art. He turned it over and over in his fingers, enjoying its warmth and its velvety texture. He smelt it. He examined its grain for flaws, registering all the details by which he would finally place it in its correct grading. For him, every piece of cork was an historical object carrying a life story that went back to the acorn of its parent tree. This life story fascinated him and the part of his work which he most enjoyed were his visits to the cork forests of the *Alentejo* [*sic*].

(...) as a young man a great deal of his time was spent travelling the forests prospecting for cork, as the Company's properties could not supply all their needs. (*Ibidem*: 28)

À boa maneira do empreendedorismo oitocentista inglês, Harold Bucknall viria a proceder a melhoramentos técnicos e infra-estruturais e a experimentações de vária ordem, nem todas, porém, coroadas de êxito, como é o caso do pitoresco episódio que passamos a relatar:

One of his failures was his attempt to improve the local breed of pig, which was hardy but stubbornly emaciated. He believed that, crossed with an English breed, the resulting strain might be as hardy as the Portuguese and as fat as the British; and he imported for this purpose a Berkshire White [*sic*] boar. Unfortunately things didn't turn out as he had hoped: the crossbreeds inherited the delicate constitution of their overbred sire and remained as obstinately gaunt as ever. Moreover, the people were resentful of this particular experiment. The boar required, in order to keep it in health, a luxurious sty on the English model, drained and ventilated and weatherproof – a regular '*palacio*' [*sic*], as the peasants jealously complained. Besides this, he had to be fed on the cereals which were their own diet. Human food thrown to a beast – '*mal impregado!*' [*sic*]. They loathed the pampered animal and it may have been sabotage that brought his life to an early end. (*Ibidem*: 33)

William Bucknall, o patriarca fundador, era, pois, bisavô de Joyce Baylis, que, no capítulo VII, entre outras referências a diferentes sectores de produção agrícola e pecuária, expõe, em traços largos, o processo de extracção da cortiça no Alto Alentejo, região descrita com

assinalável sensibilidade pela autora (*Ibidem*: 30-32 *passim*) e onde a H. B. and S. Ltd. Cork Growers and Manufacturers possuía algumas propriedades,⁴ além de escritórios em Lisboa e em Londres. Mas o sector mobilizava igualmente outras famílias inglesas estabelecidas em Portugal como os Rankin, os Robinson (sobretudo em Portalegre e mais conhecidos graças às actividades patrocinadas ou promovidas pela Fundação homónima)⁵ e, finalmente, os Reynolds,⁶ detentores de propriedades nas zonas de Évora e Estremoz e unidos aos Bucknall através do casamento de George Reynolds com Anita, irmã de Joyce. O negócio corticeiro oitocentista, envolvendo estas famílias britânicas, além de outras portuguesas e catalãs, tem sido objecto de estudo por parte do Dr. Carlos Manuel Faísca,⁷ que, em artigos publicados individualmente ou em conjunto com outros investigadores, se refere aos Bucknall por diversas vezes:

(...) son los Bucknall los auténticos dominadores del negocio en estos años [1853-1874], tanto en la faceta industrial, a través de sus establecimientos en Portugal y en Jerez de los Caballeros, como en la comercial y forestal, a través del entramado de representantes y apoderados que barían casi toda la geografía corchera extremeña. (...) Por qué los Bucknall abandonan el negocio corchero en Extremadura sigue siendo un enigma. (Moruno *et alii*: 16-17; outras referências em 11 e 20)

-
4. A maior, e provavelmente a principal, seria a “Polvo Rosas”. (*Ibidem*: 33)
 5. Sobre esta fundação pública de direito privado, com origem na fábrica sediada em Portalegre desde meados do século XIX, cf. o respectivo *website* (<http://www.fundacaorobinson.pt>), do qual consta a lista de publicações. Para a nossa esfera de investigação interessam-nos sobretudo os números 4 (*Famílias Inglesas e a Economia de Portugal/British Families and the Portuguese Economy*, 2009) e 23 (*Conflitos Sociais em Portugal no Tempo dos Robinson/Social Conflicts in Portugal during the Robinson Period*, 2012). Ambos os volumes foram-nos gentilmente oferecidos pela Fundação Robinson, pelo que agradecemos às Dr.ªs Célia Gonçalves Tavares (Área de História, Educação e Mediação Cultural) e Alexandra Carrilho Barata (Administradora Delegada) toda a ajuda dispensada. É também devida uma palavra de vivo agradecimento ao Prof. Doutor António Camões Gouveia (FCSH-UNL), antigo programador cultural da Fundação Robinson e que actuou, a nosso pedido, como o *primum mobile* de todos estes contactos.
 6. Apresentados na obra como “Roberts”, talvez por razões de reserva ou protecção de identidade, conforme sugere Peter Mollet. (Baylis: 2)
 7. Técnico Superior do Município de Ponte de Sor, doutorando do ICS/UL e da Universidad de Extremadura e bolseiro do projecto de investigação *Agriculture in Portugal: Food, Development and Sustainability (1870-2010)*, financiado pela FCT (PTDC/HIS/122589/2010), sob coordenação científica da Doutora Dulce Freire. Agradecemos igualmente ao Dr. Carlos Faísca os esclarecimentos prestados.

Pese embora a pessoalidade do testemunho, Joyce Baylis avança uma explicação plausível:

During the seventies, the family transferred its activities to Portugal, which from then on became its permanent centre. There was a good reason for the change. After Spain, with its huge distances and difficulties of transport, work in this small compact country must have seemed child's play to its newcomers. Here the cork forests were almost entirely contained in the central province of the *Alemtejo* with easy access to the navigable Tagus and thereby to Lisbon's splendid harbour, port of call for all shipping to all parts of the world. Moreover, the climate, influenced by the Atlantic, is less extreme than Spain's, less subject to prolonged drought, and the cork it produces is of excellent quality. The *Alemtejo* province, where the cork oak abounds, must have struck eyes accustomed to the harsh landscapes of Spain as positively luxuriant with its plentiful streams, olive groves and broad plains of wheat.

In 1890 the family business was registered as a Limited Liability Company, with offices in London and Lisbon and houses at *Abrantes*, *Nisa*, and other towns in the north of the *Alemtejo*. By this time it owned cork forests of its own and a factory had been built on the south side of the Tagus opposite Lisbon (...). (19)⁸

Mas retomemos informações de Carlos Faísca *et alii*:

Mais tarde [após 1838], deu-se a entrada no setor industrial corticeiro extremenho de outros atores, muitos deles de origem britânica, que, simultaneamente, desenvolveram intensas atividades corticeiras em Portugal e, dentro deste, no Alto Alentejo. (...) são os casos da sociedade *Henry Bucknall & Sons*, proprietária de uma fábrica de preparação de cortiça em Ponte de Sor (...) e compradora de cortiça norte-alentejana (...).

Outro grupo que previsivelmente poderia atuar no mercado portalegrense seria composto pelas corticeiras com origem inglesa, à época bastante ativas em Portugal, sendo de destacar a *Henry Buknall [sic] & Sons*, a *William Rankin & Sons* e a sociedade comercial e industrial constituída em torno

8. A mudança dos investimentos na Catalunha por Portugal é também corroborada por M. M. Pinto Júnior. (*Apud* Flores: 44, n.122)

de *Thomas Reynolds* e seus descendentes, para além da inevitável corticeira portalegrense *Robinson*. (...)

A ação dos Bucknall é esmagadora, já que por si só esta sociedade representa aproximadamente 18% de toda a cortiça transacionada neste período [1830-1900]. De facto, esta firma dominou este mercado entre os anos 1850 e 1870 (...). (Faísca e Moruno: n.p.)

De regresso ao relato em apreço, o intervalo periodológico definido nas *Memories...*, abarcando desde os anos finais da Monarquia ao estabelecimento do Estado Novo, justifica a emissão de alguns juízos genéricos, quer sobre a Primeira República, reiteradamente apresentada como um período de profunda instabilidade política, económico-financeira, social, laboral e militar, (Baylis: 14, 34, 58 e 60)⁹ quer sobre o regime nascido do pronunciamento militar de 1926, sendo de destacar, pelo contrário, o louvor da governação protagonizada por Oliveira Salazar. (*Ibidem*: 96-97) No final dessa década, o despontar de realidades “neoliberais” ainda tão características do nosso próprio tempo como as da reestruturação e competitividade, para já não falar da emergente concorrência industrial e comercial norte-americana, (*Ibidem*: 60 e 95) terão, segundo a autora, ditado o final da actividade empresarial da família no nosso país e o regresso definitivo a Inglaterra, após visitas regulares e alguns períodos de residência temporária além-Mancha. No decurso de uma experiência (aliás, não totalmente feliz) de internamento num colégio inglês, (*Ibidem*: 63) a naturalidade portuguesa de Joyce terá, pelo seu presumível ‘exotismo’, despertado a curiosidade dos seus colegas:

“Were you really born in Spain?”

“No, in Portugal.”

“Same thing isn’t it?”

“No.”

9. Este quadro é corroborado por Alexandre Flores: “Desde o final da Primeira Guerra Mundial que as condições de vida na família corticeira pioram de dia para dia e, assim, as associações e a Federação Nacional Corticeira intensificam a luta sindical” (141), mencionando ainda a greve geral entre 24 de Abril e 2 de Maio de 1919. Cf. também o projecto que apresentamos nesta mesma Revista. (Alarcão, 2017: 185-208)

"Are you Portuguese then?"

"No, of course not. I'm as English as you are." "(*Sou Inglesa, sou Inglesa!*)"

"I don't see how you can be. Fancy being Portuguese! Can you speak Portuguese?"

"A bit."

"Say something."

"*Raes te parte o diablo!*" [sic]

The unfamiliar sounds always raised a giggle.

"It does sound funny. I believe you're making it up." (*Ibidem*: 62-63)

Ao apresentar-se, e à sua família, como "(...) foreigners in our native city", (*Ibidem*: 7) instaurando assim uma clivagem identitária entre naturalidade e nacionalidade, a autora evoca aquela que diz ser a sua mais antiga memória:

The first words I have a clear recollection of speaking are "*Sou Inglesa!*" Our young nurse, Joaquina, had been teasing us: it always amused her to stir up our patriotic ardours. We had been born in Lisbon and therefore, she insisted, we could not possibly be English; we were proper little *Lisbonenses*, as Portuguese as she was. I remember flying at her in a fury:

"*Sou Inglesa! Sou Inglesa!*" I bellowed. (*Ibidem*: 3)

Este bilinguismo funcional e socialmente demarcado, constituindo o português – apresentado na página 5 como "(...) our kitchen dialect (...)" – a *lingua franca* de comunicação de Joyce e Anita Bucknall com o pessoal doméstico, é muito curioso; a própria autora aludirá, de resto, a esta bipolarização *upstairs/downstairs*, complementando-a com um apontamento sobre literacia:

In the kitchen or with Joaquina in the nurse, my sister and I chattered in Portuguese, listened to tales of werewolves and witches and learnt that chickens ran about after their heads were cut off. In the drawing-room with my parents English was our language, Peter Rabbit replaced the werewolves, we sang nursery-rhymes at the piano and were expected to behave like 'nice little English girls'. And we knew it was to the drawing-room that we really belonged. (*Ibidem*: 3)

In Estoril we lived, as children, very quiet and uneventful lives. For ourselves, as for the servants and country folk, imagination was a necessary

compensation for tedium, and its creation (...) satisfied a fundamental need. In their beliefs and festivals we were close to the simple people amongst whom we lived; in many ways closer to them than to our parents, who had advanced so far from our primitive level. But little by little, as we grew older, the intimacy lessened. We entered the world of literacy which estranged us by a false sophistication from minds whose ideas had not come to them from books. (*Ibidem*: 49)

Ao longo do relato, multiplicam-se os exemplos de alguma hibridiz identitário-cultural, se bem que a componente inglesa, inculcada e estimulada pelos pais, predomine claramente, evidenciando não raro sentimentos, convicções e posturas de superioridade civilizacional. (Cf., por exemplo, 3-4 e 74) No entanto, a sua homóloga portuguesa acha-se também presente, gerando ambivalências (*Ibidem*: 17) – e não serão elas próprias, afinal, manifestações ou sinais de uma dupla pertença? –, devendo destacar-se, paralela e cumulativamente, o facto de a autora se reconhecer como receptora de imagens idealizadas de Inglaterra (*Ibidem*: 4)¹⁰ e de códigos, padrões, valores e princípios educacionais, comportamentais e ético-morais cristalizados por um vitorianismo ainda próximo, independentemente de se tratar de crianças ou de adultos como o seu pai, Harold Bucknall, acossado por um conflito de culturas e mentalidades numa época de transição (*Ibidem*: 96):¹¹

They [the family members] liked to think of themselves as plain, hard-headed business men and were proud of springing from the solid merchant class which had built up British trade, turned the world into their market and colonized continents.

In Portugal, however, there were difficulties which the Colonies did not present. Here they were not the ruling power but merely foreigners, subject to all sorts of tiresome local laws, unable to ride over local customs,

10. Pouco tempo antes de uma estada mais demorada em Inglaterra, entre 1916 e 1918, a autora acrescenta: "This was an Arcadian realm into which I continued to incorporate all my childish dreams of beauty and happiness, towards which I developed a passionate loyalty which was soon to be reinforced by the patriotic ardours of the Great War." (*Ibidem*: 55)

11. O conservadorismo humanitarista de Harold Bucknall transparece de uma outra evocação feita por Joyce Baylis. (*Ibidem*: 60)

forced to play the native business games of intrigue and bribery which they so deeply despised and played so ineptly. They were without authority and this irked them. Punctual, methodical, hard-working, honest and reliable, they longed to impose their uprightness, their punctuality, their methods upon the natives, sincerely believing that by forcing these standards upon the casual, easy going Portuguese they would be conferring a blessing. Always they found themselves frustrated. Though British and therefore the appointed rulers of the world, they were impotent against this small, decadent, but still sovereign state. Against their most fundamental convictions of what was proper they had to accept the alien yoke or else throw in their hands. (*Ibidem*: 28)

Como seria de esperar, as relações de convívio familiar, profissional e social dos Bucknall estendem-se, de forma algo “endogâmica”, a outros membros da colónia inglesa em momentos oficiais ou particulares como bailes, recepções, regatas e chás, alguns dos quais patrocinados pelos serviços diplomáticos, pelo Royal British Club, etc. Contudo, interessam-nos mais as interações dos Bucknall com os portugueses, nomeadamente os empregados e serviços da família, seja na região da Grande Lisboa (na Rua de Buenos Aires, à Lapa, zona tradicionalmente muito procurada pelos viajantes ingleses, e mais tarde no Estoril, para onde a família se mudou quando Joyce tinha sete anos), seja na Estremadura e no Alentejo – espaço por excelência do tempo suspenso! –, onde os Bucknall e famílias dos seus círculos pessoal e social possuíam propriedades como as quintas de

“Polvo Rosas”,¹² “Val d’Água”,¹³ “Esteiro Furado”,¹⁴ “Salgadas”,¹⁵ “Po[u]ca Farinha”,¹⁶ etc. Dessas interações e (con)vivências, na capital e na província, ficam-nos instantâneos de grande autenticidade como a recomendação feita pela ama, Miss Turpin, no sentido da não resposta das duas meninas inglesas às provocações das crianças que gritam, à sua passagem, “Rosbif[e]! Rosbif[e] com batatas!” (*Ibidem*: 7); a ida de Joyce com um tio e um primo ao dentista, na Avenida da Liberdade, em plena troca de tiros, interrompida apenas pela/para a passagem do táxi, devidamente identificado e protegido pela *Union Jack*; (*Ibidem*: 59)¹⁷ as compras na Baixa e os lanches na pastelaria Marques, ao Chiado; (*Ibidem*:13) ou a antiga tradição, respaldada pela gastronomia e doçaria alentejanas (*Ibidem*: 42-43) e tão contrária aos cânones estéticos actualmente dominantes, de que “gordura é formosura”. (*Ibidem*: 93)

Como exemplos da indesmentível qualidade poético-literária de algumas passagens de *Memories of Portugal* seleccionámos duas descrições, a primeira das quais evocando a profunda dolência das tardes alentejanas:

-
12. A maior e mais importante, embora não localizada, além de uma vaga indicação de que ficaria após Ponte de Sor. Segundo Flores, no Alentejo os Bucknall possuíam propriedades em Amieira, Vale de Água (ver nota seguinte) e Polvorosa, além de fábricas em Sines e Odemira. (49, n.152 e 53, n.168)
 13. A quinta favorita de Joyce, (40) embora igualmente por localizar na obra. Tratar-se-á de Vale de Água, entre Ponte de Sor e Bemposta, já no concelho de Avis, ou Vale de Água, a sul de Ferreira do Alentejo?
 14. Esta propriedade, também conhecida como Quinta (ou Casa) dos Ingleses, situa-se em Sarilhos Pequenos, próximo da Moita, existindo informação disponível em *sites*, *páginas* e *blogs* como <http://ruinarte.blogspot.pt/2010/05/quinta-do-esteiro-furado-ou-quinta-dos.html> (Premiado com o 1º lugar no concurso de *blogs* em 2012), <http://aultimapedra.blogspot.pt/2013/04/normal-0-21-false-false-false-pt-x-none.html> ou <http://marcolinofernandes.blogs.sapo.pt/5842.html>. A condição tristemente ruinosa da quinta transparece do vídeo disponibilizado em <https://www.youtube.com/watch?v=235Ax-mTKhU>. Segundo a autora, era pertença de Lee, primo direito de Harold Bucknall, e da sua mulher Ellie, e a arquitectura interior e as vivências familiares e sociais procuravam reproduzir ou recriar, tanto quanto possível, as de uma verdadeira mansão inglesa.
 15. Situada próximo do Barreiro e pertencente à família Reynolds (identificada na obra como “Roberts”. (*Supra* nota 6) Na obra resultante da sua Tese de Doutoramento, Ana Nunes de Almeida refere a venda aos Reynolds da Quinta (do)Braancamp em 1885. (77) Cf. também *ibidem*: 82.
 16. Igualmente pertencente aos Reynolds, mas não localizada.
 17. Alexandre Flores transcreve o registo de outro curioso episódio:

Diariamente às 10 horas, Sir Cunicon Deans Rankin, acompanhado por Mr. William Tait, proprietário e gerente, chega à Rankin vindo de automóvel do embarcadouro de Cacilhas, no qual desembarca (...) vindo da sua residência em Lisboa. À boa maneira ‘colonialista’ inglesa, a administração da Rankin velava sempre pela anglofilia da sua fábrica em Portugal. Todos os dias a bandeira inglesa é hasteada, apenas a inglesa, festejando-se os principais acontecimentos ingleses, por exemplo, o jubileu da rainha Vitória. (80)

To recall *Val D'Agua* [sic] is to recall its many waters. But it is especially the despised fountain of the cattle trough that comes most vividly to my memory. During the afternoon siesta [sic] when everyone, men and animals alike, went to sleep and even we British forgot our rules and drowsed on our beds through the hot hours, the world fell silent except for its sound. In the quietness, its small splashing seemed little by little to grow louder and after a while you began to hear in it notes that were like the chiming of bells. This watery carillon rang out at times so distinctly that my hypnotized ear would confuse it with the goat bells whose tink-tonk was carried on stray puffs of wind from the hillsides where the flock was pasturing. (*Ibidem*: 40)

E a segunda dedicada ao Jardim da Estrela, objecto de frequentes passeios das duas inglesinhas durante o seu período de residência na Lapa:

(...) beyond it [Estrela Square], enclosed behind railings and entered through iron gates, lay a different country, the country of the *Estrela* [sic] Gardens. Once past its frontier and you were suddenly in a land of cool shade where the distances were green and sunshine reached the ground only in freckles of brightness. The gardens were not too big, but to children they seemed infinite since their far boundaries were concealed. Every perspective was mysterious, vanishing into an obscurity of foliage, an interlacement of branches and leaves and broken light.

Visited in later years, the *Estrela* [sic] Gardens look prosaic enough: broad gravelled paths between the trees, formal flower beds, railed grass plots, a couple of small ponds – little enough to stimulate imagination. But for children accustomed to the hard light of naked streets, the dimness and the veiled distances were full of enchantment. Unfamiliar shadows turned the gardens into a forest, ponds into vast lakes; while the black swans which floated between reeded islands had the strangeness of mythological birds inhabiting an insubstantial world of their own. (*Ibidem*: 8)

Disseminados ao longo de todo o relato, tornando impraticáveis referências ou transcrições individuais, multiplicam-se as evocações pitorescas de uma Lisboa fervilhante e buliçosa; de eléctricos, carroças e cardumes de barcos no Tejo; de criadas, modistas, mercearias e varinas; de cheiros a lodo e latrinas, rio e sardinha assada;

de sons como os pregões populares, entoados por todo o tipo de vendedores ambulantes; uma Lisboa ainda marcada por hábitos culturais tão recorrentemente denunciados na literatura de viagens (pós-)setecentista como o catanço, o “Água vai!”, a pobreza e a mendicância ou os maus tratos dados aos animais. Não faltam também apontamentos sobre os hábitos balneares, a educação das mulheres ou os rituais de namoro e casamento, além da captação de traços alegadamente característicos dos portugueses, como a resignação, o conformismo e a lamentação mais ou menos estéreis e inconsequentes. (*Ibidem*: 36 e 93)

Concluiremos esta apresentação de *Memories of Portugal* com duas transcrições simetricamente panorâmicas de uma Lisboa desdobrando-se “em câmara lenta”, à chegada e à partida, de uma forma quase “fílmica”:

I returned to Portugal for most of my holidays. Absorbed though I was by school life, yet I looked forward with intense excitement to the three days' sea voyage with its culmination in the familiar approach to Lisbon. On the last morning of the voyage I was always on deck watching for the Cintra Hills to raise their blue ridge above the plain and for the bold outline of *Cabo Rocca* [*sic*] jutting steeply westward. Past *Cabo Rocca* [*sic*] was the stretch of low rocky coast where traces of wrecked ships were familiar landmarks and each lighthouse was known to me by name. Even in the calmest weather, surf frilled this coast, and a rough sea would throw up towers of spray that (...) appeared to stand for long minutes in the air before collapsing.

(...) At *Cascaes* [*sic*] point we slowed down to pick up the pilot. Here on clear days the Tagus estuary stretched in a wide arc ahead, from *Cabo Espichel* faint on the southern horizon round to the pine covered Estoril hills close by on the left. On the crest of one of those hills a red roof was just visible above the tree tops – the roof of our house. The beach below was our beach, the railway skirting the shore our railway – I knew all its stations by heart: *Cae Agua* [*sic*], *Carcavellos* [*sic*], *Cruz Quebrada* and the rest, they all had associations for me.

Soon now we were crossing the bar, marked by its island lighthouse and the broken water of its shallows. On the right bare brown hills closed in upon the river; on the left the *Belem*[*sic*] Tower, *Jeronimos* [*sic*], the wharves, and the whole steep city, white and yellow and blue, crowding over

its hills to the water front, all greeted me as a compatriot. My will and imagination were wholly set upon England, but in spite of myself this was still home. (*Ibidem*: 63-64)

(...) when I went on board the '*Alcantara*' [sic] in 1930, I was unaware that Portugal was never again going to be my home. It seemed a trip like any other and the leave-takings no more final than those of my school days, whose incessant voyagings had turned the journey into an extension of Colony life. When I waved goodbye to the friends who had come to see me off, it was without suspecting that I had, in fact, paid my last visit to *Salgadas*, which I could see across the river, and to *Esteiro Furado*, invisible amongst the far way flats beyond. And so I suffered no farewell pangs as I leant over the rail to watch the well known procedures of departure.

The ship drew out from the wharf into the yellow tide of the Tagus. A widening band of water separated us from the quayside, leaving behind the gesticulating Portuguese figures, the still-shouting dockhands, the thin dog scratching for fleas, the smell of fish and the dust. At once the land noises – the human uproar and the clatter of traffic – faded. Behind the docks the yellow trams, reduced to miniatures, speeded soundlessly along the shore road. Suspended on its hills across the water, Lisbon took on its delusive pictorial aspect, innocent and gay. Now the city began to flow away, setting its landmarks wheeling and curtsying in a slow dance of perspectives. The colonnades of 'Black Horse Square' closed up like a fan; high above, the dome of the *Estrella* [sic] Church sank behind a swinging skyline; for a few moments the old British Club, scene of my first dance, presented its shuttered façade before turning its shoulder in retreat; *Belem* [sic] Tower sailed out from the shore ahead as though to bar our passage and then it too, with all its coralline encrustations, fell back into the past. Beyond the coast veered away, carrying off into the distance its small bays and promontories, its toy forts and white beaches, its chain of seaside villages threaded closely together on the *Cascaes* line. The open sea lay ahead. (*Ibidem*: 97-98)

Obras Citadas

I) Primárias

Baylis (nascida Bucknall), D. J.. *Growing up English. Memories of Portugal 1907-1930*. [Lisboa]: The British Historical Society of Portugal, [1997].

II) Secundária/Varia

Alarcão, Miguel. “*And here’s to you, Mr. Robinson’*: Para uma História do Sector Corticeiro Anglo-Português”. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses/Journal of Anglo-Portuguese Studies*. Dir. Gabriela Gândara Terenas. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, n° 26 (2017): 185-208.

Almeida, Ana Nunes de. *A Fábrica e a Família. Famílias Operárias no Barreiro*. Barreiro: Câmara Municipal do Barreiro, 1993 (Tese de Doutoramento em Sociologia apresentada ao ISCTE, 1990).

Canaveira, Manuel Filipe e David Evans (org.) *Regicídio e República. Opiniões Britânicas e Norte-Americanas*. Casal de Cambra: Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, SA, 2010.

Faísca, Carlos Manuel. “Criando uma Desvantagem? A Regulação Contratual das Práticas Suberícolas em Espanha e Portugal (1852-1914)”. *Revista Portuguesa de História*. Coimbra: Imprensa da Universidade, XLVI (2015). 413-431. URI: <http://hdl.handle.net/10316.2/38200>.

--- e Francisco Parejo Moruno. “Tão perto, mas tão longe? A Exploração Florestal e Comercial de Cortiça no Alto Alentejo e na Extremadura (1830-1890)”. Comunicação apresentada no II Congresso Anual de História Contemporânea, Universidade de Évora, 16-18 de Maio de 2013.

---, Francisco Manuel Parejo Moruno e José Francisco Rangel Preciado. “Los orígenes de las actividades corcheras en Extremadura: El corcho extremeño entrecatalanes e [sic; y] ingleses”. *Revista de Estudios Extremeños*, Tomo LXIX, N.º1 (2012). 461-490.

Flores, Alexandre M. *Almada na História da Indústria Corticeira e do Movimento Operário da Regeneração ao Estado Novo (1860-1930)*. Dissertação de Mestrado, inédita, em História Regional e Local, sob a orientação do Professor Doutor António Ventura. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1999.

Sousa, Maria Leonor Machado de. “Os Stephens da Marinha Grande”. *Famílias Inglesas e a Economia de Portugal/British Families and the Portuguese Economy*. AAVV. Portalegre: Fundação Robinson, “Publicações da Fundação Robinson”, n° 4, 2009. 6-21.

Thompson, Carl. *Travel Writing*. London/New York: Routledge, “The New Critical Idiom”, 2011.

Ventura, António. *Conflitos Sociais em Portugal no Tempo dos Robinson/Social Conflicts in Portugal during the Robinson Period*. Portalegre: Fundação Robinson, "Publicações da Fundação Robinson", nº 23, 2012.

III) Electrónica

Fernandes, Marcolino (ed.) "Esteiro Furado: a Quinta, o Palacete, as Salinas e o Cais". 10.11.2013.<http://marcolinofernandes.blogs.sapo.pt/5842.html>. Acedido em 05.09.2016.

Gil, Fernanda (ed.) "Quinta do Esteiro Furado". Acedido em 25.02.2014. <https://www.youtube.com/watch?v=235Ax-mTKhU>. Acedido em 05.09.2016.

Silva, Gastão de Brito e (ed.) "A Quinta do Esteiro Furado ou Quinta dos Ingleses – Sarilhos Pequenos". *Ruinarte. História Mal Acabada, Arquitectura Desleixada, Cultura Mal Amada, Património Incompreendido, Paisagem sem Sentido*. 26.05.2010.<http://ruinarte.blogspot.pt/2010/05/quinta-do-esteiro-furado-ou-quinta-dos.html>. Acedido em 05.09.2016.

"A última pedra". Publicado em 17.05.2013.<http://aultimapedra.blogspot.pt/2013/04/normal-0-21-false-false-false-pt-x-none.html>. Acedido em 05.09.2016.